



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

NOIVAS ENCOMENDADAS

A prática de casamentos “por fotografia” entre imigrantes japoneses no Brasil (1960-1970)

Daniela Lumi Nascimento Watanabe

Universidade do Estado da Bahia/Campus V

watanabe.uneb@hotmail.com

Resumo: Este trabalho visa analisar a prática de casamentos “por fotografia” entre imigrantes japoneses que se estabeleceram em Taperoá-Ba na segunda metade do século XX, considerando a complexa relação de identidade e gênero que permeava essa prática. Interessa-nos compreender as circunstâncias que motivaram a ocorrência desse fenômeno, tendo em vista os critérios definidores dessa forma de matrimônio. Desse modo, pretende-se adensar as reflexões sobre a temática mencionada, no sentido de expandir as arestas da história da imigração japonesa na Bahia, pois, a partir do que indicam as fontes, a prática de casamentos “por fotografia” ou “por correspondência” - denominada de “Picture Brides” ou “Hannayumis” - também repercutiu na vida de famílias que se fixaram longe dos grandes núcleos da imigração japonesa no Brasil. As memórias são vestígios valiosos para esta pesquisa, uma vez que foram elas que me instigaram e conduziram até este tema, quando realizei algumas entrevistas durante o processo de construção da monografia. Do ponto de vista metodológico, pretendo orientar-me pela interlocução entre as fontes identificadas (orais, cartas, fotografias, periódicos) e a produção bibliográfica que versa sobre a imigração japonesa no Brasil e no Baixo Sul, bem como aqueles que discutem sobre o fenômeno das “Picture Brides” ou “Hannayumis”.

Palavras-chave: Imigração, Casamento, Identidade, Gênero.

Introdução: Casar sem conhecer o noivo, cujo “contato” mais próximo é estabelecido através de correspondências. Versão mais contemporânea dos relacionamentos? Ficção? Se as relações afetivas estabelecidas virtualmente têm sido cada vez mais recorrentes, na segunda metade do século XX, quando a internet ainda era desconhecida, a ausência de contato físico entre cônjuges não impediu a formalização de casamentos entre

nubentes que se encontravam em extremos opostos do planeta. Trata-se do fenômeno conhecido por “Picture Brides” ou “Hannayumis”, comum entre imigrantes japoneses e consistia na realização de casamentos entre imigrantes que se encontravam no Brasil e noivas quem eram “encomendadas” no Japão. Neste artigo apresento os resultados preliminares de uma pesquisa ainda em desenvolvimento no



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cêneses

Programa de pós Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia sobre casos de casamentos “por fotografia” de imigrantes japoneses que se estabeleceram em Taperoá-Ba entre as décadas de 1960 e 1970, considerando a complexa relação de identidade e gênero que permeia essa prática.

Durante o trabalho de conclusão da graduação, quando iniciei minhas investigações sobre a presença de japoneses no município de Taperoá-Ba, situado na região do Baixo Sul¹, onde a fixação desse grupo ocorreu a partir da década de 1970², identifiquei dois casos de casamentos “por fotografia”, caracterizados pela ausência de um dos cônjuges na formalização da união.

Interessa-me compreender as circunstâncias que motivaram a ocorrência desse fenômeno, tendo em vista os critérios definidores dessa forma de matrimônio. Além disso, qual o perfil dos cônjuges? Houve resistência a esse tipo de formalização do

¹O Baixo Sul é uma das 15 Regiões Econômicas do Estado da Bahia, de acordo com uma divisão exposta pela Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia (SEPLANTEC) que engloba uma área com 11 municípios, sendo eles: Cairu, Camamu, Igrapiúna, Ituberá, Maraú, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia e Valença. (FISCHER, Fernando.Org. *Baixo Sul da Bahia*. Uma proposta de desenvolvimento territorial. Salvador: CIAGS/UFBA, 2007, p.36. (Coleção Gestão Social - Série Editorial CIAGS).

² Do ponto de vista das políticas de imigração, a sociedade nipônica estabelecida em Taperoá ocorreu de modo espontâneo, isto é, sem a intervenção direta de órgãos/projetos oficiais.

matrimônio por parte dos casais? As uniões foram formalizadas em Taperoá? Em que medida essa prática representa a afirmação da cultura tradicional japonesa, uma vez que o Japão pós-Segunda Guerra já vivenciava um contexto de modernização crescente? Houve divórcio?

Outrossim, foi necessário rastrear o contexto que viabilizou a fixação de nipônicos nessa região do interior da Bahia, bem como verificar se essa prática se aplicou a outros núcleos alvos da política imigratória japonesa. Para melhor compreender as especificidades dos casamentos formalizados por fotografia, é relevante perceber nas entrelinhas dos relatos e nas fontes consultadas, as relações de gênero e identidade que permearam essa forma de matrimônio.

A formação da comunidade nipônica de Taperoá envolveu uma complexa mobilidade no próprio território brasileiro. Os migrantes de origem japonesa que se fixaram no Baixo Sul baiano, a partir da década de 1970, não se deslocaram diretamente do Japão para a Bahia – como ocorrera no caso da colônia Una, Ituberá e JK - eram, em sua maioria, oriundos da colônia instituída em Tomé-Açu, no Pará, onde havia uma grande concentração de populações nipônicas, a maior da região Amazônica naquela época. Diante da crise que dizimou a produção da pimenta-do-reino,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da Cênesis

muitas famílias que dependiam da referida monocultura, optaram por buscar alternativas em outros espaços, o que, desse ponto de vista, caracterizou um processo de deslocamento compulsório, já que foi motivado por essa conjuntura adversa que colocava em risco a própria sobrevivência dos imigrantes.

De acordo com Maekawa (1995, p. 58), em 1972, aproximadamente vinte e duas famílias, oriundas principalmente de Tomé-Açu, iniciaram a formação da comunidade japonesa nesse município, sendo esta influenciada por imigrantes que já se encontravam instalados e organizados na colônia de Ituberá, cidade vizinha, fato que repercutiu na vida social, cultural e agrícola local. Logo, essa comunidade pode ser considerada como extensão da colônia implantada em Ituberá.³ Convém ressaltar que, entre os anos de 1974 e 1976, outras famílias japonesas, procedentes tanto do Pará quanto de outras regiões do país também se estabeleceram na nova comunidade nipônica.

³ Os japoneses foram assentados também em outros núcleos coloniais do sul da Bahia, entre as quais citam-se Taquari, Aparaju, Juerana, Lomanto Júnior, Teixeira de Freitas, Posto da Mata, Eunápolis, além de Una e Ituberá que já foram citados. A proposta do governo de Antônio Balbino (1955-1959) era fomentar a produção local no entorno da capital baiana, através da transformação de áreas improdutivas em pequenas propriedades que pudessem produzir o que era comprado em São Paulo (a exemplo de frutas e verduras), de modo que fosse possível reduzir as importações e gerar possibilidades de trabalho e remuneração para populações rurais (BRASIL, 2004, p 58-60).

Ao investigar o processo de formação da comunidade japonesa de Taperoá, duas entrevistas me direcionaram aos “casamentos por fotografia”. Dos casos de matrimônio por correspondência identificados, um deles ocorreu entre a Sr^a. T. A. e o Sr. T. A.⁴, oriundos da colônia de Tomé-Açu-Pa; o segundo caso é o da Sr^a. Sachiko e do Sr. Nobutaka Oka, procedentes de Recife-Pe. As duas famílias chegaram à Taperoá na década de 1970, motivadas pelas informações sobre a prosperidade agrícola do município, especialmente com o cultivo do cravo-da-índia. Embora a comunidade nipônica desse município seja relativamente pequena, onde a maior parte dos seus membros mantém contato entre si, o fenômeno do matrimônio por fotografia não é tão evidenciado; nota-se, ao menos num olhar superficial, que poucos sabem da sua ocorrência. Desse modo, se sobressaem algumas inquietações. A pouca notoriedade dos referidos casos seria explicada em função do seu caráter excepcional dentro da sociedade nipônica ou estaria relacionada à intencionalidade dos noivos de não evidenciarem algo tão íntimo de suas memórias?

Nos anos de 1940, as relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão ficaram estremecidas com o advento da Segunda Guerra Mundial, uma vez que essas nações

⁴ O casal aceitou contribuir com a pesquisa, no entanto, preferiu manter o anonimato.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Cidade

encontravam-se em lados opostos do conflito. Conseqüentemente, a corrente migratória de japoneses para o Brasil foi interrompida voltando a ser restabelecida na década seguinte, com o fim do conflito. No entanto, o perfil desses imigrantes era diferente em relação ao período entre-guerras. Kodama e Sakurai (2008, p. 26) nos informam que para reestruturar sua economia e superar os saldos negativos da guerra, como os altos índices de desemprego, o Japão passou a cooptar e selecionar emigrantes para o Brasil e outros países da América Latina; havia predileção por jovens solteiros com escolaridade superior ou de nível médio, preferencialmente com cursos especializados em agricultura e técnicas industriais.

Jovens e mais qualificados, esses imigrantes, em sua maioria do sexo masculino, eram chamados de “Japão Novo” e de acordo com Sakurai (2004, p. 20-21) uma relação hostil predominava entre eles e os imigrantes japoneses do período pré-guerra. Os novos imigrantes alegavam que os antigos não eram mais japoneses, sobretudo porque, supostamente, haviam abandonado sua terra natal no momento de maior necessidade e não teriam vivido as dificuldades da guerra. Por sua vez, os japoneses que já estavam estabelecidos no Brasil sentiam-se menosprezados pelos “Japão-novos” por conta do seu maior nível

de escolaridade e os julgavam como aproveitadores das conquistas dos pioneiros (SAKURAI, *apud* BIRELLO e LESSA, 2008, p. 71). Nesse sentido, a autora citada afirma que, embora não seja possível precisar a partir de dados estatísticos, os relatos indicam que havia certa resistência dos imigrantes pré-guerra em relação aos casamentos com “Japão-novos”.

Diante dessa indisposição entre os dois grupos (imigrantes pré-guerra e “Japão-Novo”), os pioneiros buscaram resolver a questão matrimonial com os casamentos “por fotografia” ou “por procuração”. Também denominada “Picture Brides”, correspondia a uma prática recorrente entre os imigrantes japoneses dos Estados Unidos, em que os noivos se conheciam por fotos e a união era oficializada através de um intermediário.

Analisando as tensões entre os “Japão-Novos” e os pioneiros da imigração japonesa do Brasil, Sakurai (2008, p. 134) pontua que alguns pais chegaram a impedir que suas filhas contraíssem matrimônio com os “Japão-Novos”, de modo que, muitos resolveram essa situação “trazendo-se noivas do Japão através da prática da fotografia [...] muitas *picture brides* chegaram ao Brasil para se casar sem conhecer o noivo, que geralmente era agricultor”.

Como sinaliza Nogueira (1984, p. 41), a legislação japonesa permite que o



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

casamento seja oficializado sem a presença dos cônjuges. Assim, um imigrante japonês residente no exterior poderia casar-se com uma mulher que estivesse vivendo no Japão, sendo necessário, somente, organizar a documentação oficial assinada e selada. O governo japonês era encarregado de entregar à noiva uma cópia do registro do certificado de casamento, de posse do qual a mesma deveria, posteriormente, encontrar-se com o esposo.

Além das divergências entre as gerações de migrantes japoneses, Sakurai (2008, p. 239) nos informa que no caso da América do Norte, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá, a desproporção entre o quantitativo de homens e o pequeno número de mulheres migrantes também motivou a ocorrência do fenômeno das “noivas por fotografia”. Conforme Makino (2010, p. 67), a prática das “Picture Brides” foi adotada, de algum modo, por todos os países que receberam imigração japonesa, o que, por vezes, era associado à suposta inassimilação cultural dos nipônicos.

Kuwae (2013, p. 130) pontua que nos Estados Unidos, por ocasião do acentuado sentimento de xenofobia em relação aos japoneses (como também, aos chineses e aos negros), por volta de 1907, “é assinado o Gendermen’s Agreement, que proíbe a entrada de japoneses naquele país, com exceção das noivas acertadas [...]”. Assim, muitas famílias nipo-americanas foram

constituídas a partir da prática das *Picture Brides*, que, de acordo com a autora, funcionava da seguinte forma: o migrante interessado enviava uma foto sua para os familiares no Japão que, por sua vez, passavam a dedicar-se à busca de alguma moça disposta a construir uma família em terras desconhecidas.

No Brasil, aproximadamente 400 moças japonesas formalizaram o matrimônio sem conhecer o noivo. Eram as *hanayumi imin*, em japonês, “flor do sonho” (SAKURAI, 2004, p. 22). A chegada das noivas encomendadas foi noticiada por alguns periódicos da época:

Noivas vêm do Japão e se casam sob encomenda

São Paulo (Sucursal) – Os niseis brasileiros, trabalhadores da colônia agrícola de Cotia, neste Estado, aguardam para breve a chegada de suas noivas japonesas, em número de mil, com quem já trocaram cartas e retratos.[...]”. (*Correio da Manhã*, RJ, edição 22116, ano de 1965, p. 10).

Com efeito, convém compreender como as *Picture Brides* ou *Hanayumis*, estabelecidas em Taperoá, vivenciaram esse fenômeno e o que suas memórias revelam a respeito da simbologia dessa prática matrimonial, bem como suas implicações nas relações de identidade e gênero.

A década de 1980 foi especialmente profícua para a História e para a historiografia brasileiras. O ocaso do regime militar arejou não somente a austeridade que permeava a política no país; o simbolismo desse evento



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

histórico acabou por inspirar perspectivas mais otimistas também no fazer historiográfico, que, de certa forma, adquiriu um caráter mais “transgressor” no que se refere às abordagens, às definições dos conceitos e dos sujeitos históricos. A rigidez teórica, como nos lembra Castellucci (2010, p. 89), se tornara incompatível com a complexa conjuntura político-cultural brasileira, de modo que “os novos atores que atuavam no cenário político exigiram dos historiadores o seu espaço na produção histórica.” Assim, contagiados pela efervescência do contexto político, os historiadores passaram a valorizar o estudo da memória de homens e mulheres comuns e o cotidiano de diferentes segmentos sociais, com demarcações temporais mais restritas.

Felizmente, a expansão do panorama de abordagens da historiografia parece ser um movimento de caráter irreversível. No bojo dessa vigorosa renovação e do conseqüente amadurecimento da prática historiográfica, recorrerei à interlocução entre a História Regional/local - tendo a sociedade nipônica de Taperoá como espaço central de investigação - e a Micro-história, uma vez que o estudo dos casos de casamentos por fotografia/procuração identificados naquele espaço correspondem à redução da escala de análise desse fenômeno entre os nipônicos estabelecidos no Brasil. Dessa forma,

enquanto a História Regional define as balizas espaciais do seu objeto de estudo, a Micro-história compreende a redução da escala de observação do pesquisador, no sentido de articular comportamentos individuais de diferentes grupos sociais a uma conjuntura mais ampla. Como acentua Barros (2010, p. 239), “[...] Micro-história e História Local, em que pese constituam modalidades historiográficas bem diferenciadas, também se abrem para os seus possíveis diálogos”.

Assim, este trabalho se propõe a adensar as reflexões sobre a temática mencionada, no sentido de expandir as arestas da história da imigração japonesa na Bahia, tendo em vista que, a partir do que indicam as fontes, a prática de casamentos “por fotografia” ou “por correspondência” também repercutiu na vida de famílias que se fixaram longe dos grandes núcleos da imigração japonesa no Brasil.

Metodologia: São poucos os trabalhos historiográficos acerca da presença nipônica na Bahia e, em relação à prática de matrimônios formalizados “por fotografia” entre japoneses residentes nessa região, nenhuma pesquisa foi identificada. Assim, este trabalho terá como lastro metodológico as histórias de vida dos cônjuges, com todo o seu potencial informativo e sensorial e com todos os desafios que envolvem o estudo de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

memórias. Os relatos de vida representam pontos de vista a partir de experiências pessoais sobre determinado assunto ou acontecimento. No entanto, diferente de outras temáticas, o matrimônio (ainda que por correspondência), possui um caráter especialmente íntimo, por envolver relações afetivas, demandando, portanto, um cuidado maior no trabalho com as fontes orais. Nessa perspectiva, explorar os testemunhos de vida no trabalho historiográfico implica em perceber “quão histórica é a vida privada e quão pessoal é a história” (Portelli, 2001, p.14), o que corresponde a uma das principais questões da história oral. Assim, por vezes, a experiência individual de um acontecimento expõe de forma mais polissêmica e com maior riqueza de detalhes os acontecimentos históricos do que outras fontes.

O cuidado científico do/a pesquisador/a com as fontes orais não assegura o controle sobre sua imprevisibilidade, esta que, por sua vez, se traduz como um componente representativo na dialética existente entre o pesquisador e sua fonte de pesquisa; vários fatores podem ser determinantes nessa relação, como a familiaridade e o contato do pesquisador com seus entrevistados ou o contrário. No meu caso, a aproximação com os casais entrevistados se constituiu como um facilitador do processo de investigação, muito

embora, isso também suscite riscos e desafios, pois, como nos alerta Janaína Amado (1997, p. 146) acerca dos cuidados éticos com a oralidade, “Pessoas, entretanto, não são papéis”, pois, “Conversar com os vivos, implica, por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser [...] trará conseqüências imediatas para as existências dos informantes [...]”.

Ainda na esteira dos melindres que envolvem o contato pessoal com as fontes, se sobressai o cuidado com a análise de outro importante vestígio para esta pesquisa: as cartas trocadas entre os noivos. Assim como outras fontes de origem pessoal (a exemplo dos diários), as cartas podem – ou não – ser reveladoras dos mais variados sentimentos e expectativas que possam envolver as significativas mudanças na vida de jovens que estabeleceram um matrimônio não precedido pelo contato físico; são micro-olhares acerca da presença japonesa no Baixo Sul da Bahia.

Ao esmiuçar sua trajetória matrimonial, numa narrativa algumas vezes interrompida pelos obstáculos do idioma (a certa altura da entrevista, fez-se necessário o uso do dicionário japonês-português), a sr^a. Sachiko recorreu a outras fontes, possivelmente para fazer-se mais compreensível ou para direcionar de forma coerente a seqüência dos fatos relatados.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Primeiro, um recorte de jornal que veiculara no Japão sua cerimônia de casamento, informando aos leitores que em breve os noivos da distância entre os noivos. A matriarca também nos apresentou seu álbum de casamento, uma preciosa fonte de investigação, tanto pela qualidade visual do seu conteúdo quanto pelo encadeamento dos fatos registrados; com relação a este último aspecto, pode-se inferir que o mesmo se constitui como uma tentativa de familiarizar o noivo distante acerca dos principais momentos do seu casamento.

De qualquer forma, a fotografia, enquanto fragmento cristalizado da realidade representa no trabalho historiográfico a possibilidade de abstração visual do período estudado e de reflexão acerca dos critérios que fundamentaram a seleção das cenas escolhidas para se perpetuar através desse tipo de registro, como pontua Kossoy (2001, p. 101) a fotografia “dá a noção precisa do microespaço e tempo representado, estimulando a mente à lembrança, à reconstituição, à imaginação”. Assim, articuladas às análises das memórias, as fotografias serão fontes preponderantes neste trabalho, tendo em vista a própria especificidade do objeto de pesquisa. Aliás, “Fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 2001, p. 101) e, embora seus personagens mudem sua maneira

de pensar e agir, envelheçam ou venham a falecer; mesmo que as paisagens sejam transformadas ou extintas, ela é, enquanto memória visual, “a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio; é pois o documento que retém a imagem fugidia de uma instante da vida que flui ininterruptamente.”

Nesse sentido, este trabalho vem sendo conduzido pela interlocução entre as fontes identificadas (orais, cartas, fotografias, periódicos) e a produção bibliográfica que versa sobre a imigração japonesa no Brasil e no Baixo Sul, bem como aqueles que discutem sobre o fenômeno das “Picture Brides” ou “Hannayumis”, e sobre os conceitos de identidade e de gênero.

Resultados e discussão:

Há mais de quatro décadas os japoneses se estabeleceram em Taperoá e as lembranças que sobrevivem desse processo estão permeadas por complexas relações de identidade; a prática de casamentos por correspondência/fotografia é, em si, um significativo exemplo. Convém informar que em relação aos casos em estudo, a formalização não presencial dos matrimônios ocorreu no Japão, portanto, quando chegaram a Taperoá, já haviam constituído família. Desse modo, interessa-me analisar de que maneira essas noivas reinventaram suas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

identidades em solo brasileiro num contexto pós Segunda Guerra, em que ainda prevalecia o espectro da suposta inassimilação cultural nipônica.

Essencialmente globalizante, a modernidade foi palco de intensos fluxos migratórios que colocaram em evidência os limites dos quadros de referências que atribuíam aos indivíduos identidades homogêneas. Para além de possibilitar o contato entre os distintos e distantes espaços geográficos, o processo de globalização fomentado pelo expansionismo capitalista determinou transformações profundas na maneira de cada indivíduo pensar sobre si mesmo, e sobre sua própria identidade. A crise das identidades na modernidade, conforme Hall (2006, p. 10) ocasionou um duplo deslocamento: a descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos.

De acordo com Maekawa (1995, p. 92) em função do distanciamento entre as colônias e do número relativamente pequeno de famílias de origem japonesa, na Bahia a miscigenação é um aspecto bastante comum. Assim, os casos de casamentos por fotografia identificados nesta pesquisa destoam dessa constatação, uma vez que representam elos fortalecem nos cônjuges a identificação com a cultura nipônica. No entanto, considerando o sentido “movediço” das identidades nos casos

sob estudo, os casamentos “por fotografia” ou “por correspondência” não continuaram como prática recorrente nas citadas famílias, sendo mais comuns, os denominados casamentos interétnicos.

As memórias são vestígios valiosos para esta pesquisa, uma vez que foram elas que me instigaram e conduziram até este tema, quando ainda estava no processo de construção da monografia. Sorrateiramente, como um detalhe discreto, o casamento por fotografia foi citado em duas entrevistas e, o que para minhas interlocutoras era – aparentemente - compreendido como uma banalidade, para mim, representava mais um aspecto fascinante da cultura japonesa em Taperoá. Assim, as recordações, mesmo as mais discretas, são fontes de grande potencial historiográfico para o pesquisador e, sempre que é possível acioná-las, podem evidenciar aspectos do fazer e do sentir humano que, por vezes, não se encontram disponíveis em outras fontes.

Embora, num olhar inicial, a memória se configure como uma capacidade individual, as lembranças de cada pessoa expressam versões parciais do pensamento coletivo. Com relação à memória coletiva, Halbwachs (2006, p. 72) salienta que ela compreende as memórias individuais, porém, “não se confunde com elas”. Se em certas circunstâncias “determinadas lembranças



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal”. No caso do tema em análise, verificaremos, entre outras coisas, de que maneira os casos de casamentos por fotografia repercutiram na memória coletiva da comunidade nipônica de Taperoá, embora, como já foi sinalizado, não se perceba grande visibilidade dos mesmos nesse contexto.

Há de se observar que o exercício de recordar corresponde a um processo não linear e seletivo que envolve omissões, silêncios, recuos. Porém, tais características não comprometem sua importância enquanto vestígio histórico. Nesse sentido, assim como Bosi (1994, p. 37), “[...] A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da História Oficial”, pois, “nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de vida.” Assim, entendemos que os fatos selecionados pelas memórias para serem relatados – ainda que muitas vezes descontínuos e fugazes – são substanciados de profundos sentimentos afetivos, íntimos, que de alguma maneira marcaram a vida dos depoentes.

Rachel Soihet (1997, p. 275) define como momento crucial pra o desenvolvimento das pesquisas sobre mulheres a chamada

“reviravolta histórica”, caracterizada por transformações significativas no campo das investigações históricas – sobretudo a partir da década de 1960 – que acabaram por evidenciar as experiências de grupos sócias até então desprestigiados pela historiografia, entre os quais se inclui as mulheres. Assim, a História das mulheres, enquanto campo de estudo, surge no bojo das campanhas feministas – que reivindicavam, principalmente, a melhoria das condições profissionais – e da ampliação dos limites da história. Com o amadurecimento das investigações históricas referentes às mulheres, o termo gênero surge como uma possibilidade de teorizar a problemática das diferenças de ordem sexual em dialética com as construções sociais, para quais concorrem as categorias de classe e raça. Várias contribuições historiográficas contemplam em suas análises a relação das mulheres com a família, com a maternidade, com os gestos, o corpo a sexualidade, entre outros. Nesses estudos, entre outras fontes, os arquivos privados (diários, cartas) bem como objetos por ela deixados e os relatos orais podem ser utilizados no rastreamento do cotidiano das mulheres em seu dia-a-dia doméstico.

À guisa dessas reflexões, pretendo entender o sentido dessa prática matrimonial para as esposas, de modo particular, tendo em vista a estrutura patriarcal que sedimenta a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cultura nipônica. Assim, oportunamente, evidenciarei as vozes, os sentimentos e as memórias de mulheres (e homens) que vivenciaram o processo imigratório, um dos fenômenos mais importantes da história brasileira no século XX.

Conclusões:

No campo historiográfico, há uma vasta literatura sobre a trajetória da imigração japonesa no Brasil, com ênfase na região Sudeste do país, especialmente São Paulo; o expressivo quantitativo de imigrantes oriundos do Império do Sol Nascente que aquele estado concentrou ao longo da trajetória dos fluxos migratórios para o Brasil acabou por transformá-lo no principal reduto de japoneses fora do Extremo Oriente. Em função disso, é tendencioso associar o fenômeno da imigração nipônica ao Sudeste brasileiro, subestimando ou mesmo ofuscando as amplas proporções, inclusive geográficas, desse acontecimento para a história do Brasil do século XX. Assim, quando se trata da ocorrência desse fenômeno na Bahia, pode-se afirmar que ainda há muito a ser investigado, embora esse Estado tenha sido alvo de projetos de colonização após a Segunda Guerra Mundial.

À exceção da pesquisa desenvolvida por Ikeuti (2014) na Osaka City University, cujos resultados foram apresentados num

artigo publicado nos Cadernos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia (2018), dos trabalhos analisados sobre a imigração japonesa no Brasil, a prática de casamentos “por fotografia” por vezes é mencionada⁵ como uma característica dessa diáspora, mas, sem uma abordagem mais específica.

Nos casos das noivas “encomendadas” identificadas em Taperoá, os relatos indicam como elemento preponderante a questão cultural, na opção dos noivos em casar-se com conterrâneas. Como nos explica S. Oka acerca da decisão do seu esposo em solicitar o intermédio da irmã – que residia no Japão – para encontrar uma noiva disposta a atravessar o Atlântico: “*Não quer muito diferente, né? Costumes, né? Então, ele quer noiva de mesmo terra, né?*”.

É possível que outras problemáticas se apresentem durante o aprofundamento da pesquisa, tendo em vista o caráter inicial do trabalho. Além disso, embora o escopo fundamental deste trabalho sejam os casos de matrimônios por fotografia identificados em Taperoá-Ba, não será subestimada a possibilidade de ocorrência desse fenômeno em outros municípios baianos que receberam migrantes nipônicos.

Referências Bibliográficas:

⁵ Consultar bibliografia.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. *Projeto História*: PUC-SP. São Paulo. Nº 15, Abril/1997.
- BARROS, José D'Assunção. *O lugar da história local na expansão dos campos históricos*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Izabel Cristina Ferreira dos (Orgs.). *Historia Regional e Local: Discussões e Práticas*. Salvador: Quarteto, 2010.
- BIRELLO, Verônica Braga; LESSA, Patrícia. A imigração japonesa do passado e a imigração inversa, questão gênero e gerações na economia. *Divers@s*. Revista Eletrônica Interdisciplinar. Matinhos, v. 1, n. 1, p. 68-82, jul./dez. 2008.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL, Antônia Eloisa. Organização socioespacial e transformações socioeconômicas no núcleo JK, Mata de São João-Camaçari, Ba. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade Federal da Bahia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências. Área de Concentração em Análise do Espaço Geográfico. Salvador-Ba, 2004.
- CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. *Entre o local e o regional: trajetórias e tendências da história social no Brasil*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Izabel Cristina Ferreira dos (Orgs.). *Historia Regional e Local: Discussões e Práticas*. Salvador: Quarteto, 2010.
- CORREIO DA MANHÃ (RJ). *Noivas vêm do Japão e se casam, sob encomenda*. Edição 22116, ano de 1965, p. 10.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 111 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HIBINO, Yumiko. *Recrutando noivas no Japão*. In: ARAI, Jhony. *Viajantes do Sol Nascente. Histórias dos imigrantes japoneses*. São Paulo: Editora Garçoni, 2003. P. 163-175
- IKEUTI, Sayaka Nakanishi. *A Imigração da Noiva Japonesa ao Brasil, após a Segunda Guerra Mundial. Entrevistas com os homens que acolheram as noivas*. *Cadernos de Gênero e Diversidade*. Vol. 04, N. 01, Jan/Mar. 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>
- JESUS, Elivaldo Souza de. *Os nipo-baianos de Ituberá: trajetórias, memórias e identidades de imigrantes no Baixo-Sul da Bahia (1953-1980)*. *Tese* (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- KODAMA, Kaori; SAKURAI, Célia. *Episódios da imigração: um balanço de 100 anos*. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Org.). *Resistência e Integração. 100 anos de presença japonesa no Brasil*. IBGE: Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro, IBGE, 2008. P. 17-29.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.
- KUWAE, Luiza Hiroko Yamada. *Cem anos de imigração japonesa: a construção midiática da identidade do imigrante japonês*. *Tese (Doutorado)*. Universidade de Brasília (UNB). Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP. Programa De Pós-Graduação em Linguística – PPGL. Brasília-DF, 2013.
- MAEKAWA, Leila. *Os japoneses na Bahia*. Salvador: Santa Helena, 1995.
- MAIA, Cláudia. *A invenção da solteirona: Conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948. Ilha de Santa Catarina*. Ed. Mulheres, 2011.
- MAKINO, Rogério. *As relações Nipo-Brasileiras (1895-1973): o lugar da imigração japonesa*. *Dissertação (Mestrado)*. Universidade de Brasília (UNB). Instituto de Relações Internacionais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Brasília, 2010.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil*. 1Ed. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. São Paulo: Massao Ohno Editor. 1984.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

- PEREIRA, Nilza de Oliveira Martins;
OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de.
Trajetória dos imigrantes japoneses no Brasil: Censo demográfico 1920/2000. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Org.). *Resistência e Integração. 100 anos de presença japonesa no Brasil*. IBGE: Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro, IBGE, 2008. p.33-53.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos de pós-graduados em História do Departamento da PUC-SP*. São Paulo. 22/jun, 2001.
- SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____, Célia. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, *ABEP*, realizado em Caxambu, MG – Brasil, de 20 – 24 de Setembro de 2004.
- SASAKI, Elisa. A imigração para o Japão. *Estudos Avançados* 20 (9), 2006.
- SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- TAKEUCHI, Marcia Yumi. A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturizado. *Revista USP*. São Paulo. N. 79, p. 173-182, setembro/novembro de 2008.
- _____, Marcia Yumi. O perigo amarelo: Imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945). São Paulo: Humanitas, 2008.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História: PUC-SP*. São Paulo. N° 15, Abril/1997.
- VALENTE, Waldemar. *O japonês no Nordeste agrário: aspectos sócio-culturais e antropológicos*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.